

— Será que eu vou conseguir escolher uma história boa? — choramingou Fernando.

— Claro que vai — encorajou o pai. — Então, todos de acordo?

— Sim — responderam em uma só voz.

— Então vamos sortear o dia de cada um de vocês. Depois, vocês leem o sumário do livro, fazem suas escolhas e se preparam. Se Luísa concordar em ser a juíza, podemos começar as leituras amanhã.

O sorteio estabeleceu que a primeira história seria de responsabilidade de Francisco, a segunda de Rita e a terceira de Fernando.

O pai ainda acrescentou outra regra:

— Por enquanto, ninguém deve dizer a Luísa qual o objetivo do concurso. Vamos deixar que ela se preocupe apenas com as histórias, sem ter que pensar no peso de uma escolha que decidirá o local das nossas férias, assunto com que ela não quer se envolver. Deixem que ela escolha a história, só a história.

— Ela não vai ser enganada? — criticou Rita.

— Ninguém vai mentir para ela — disse o pai. — Apenas vamos adiar por três ou quatro dias a informação de que ela estava participando sem saber de um jogo um pouco mais complicado. Ela vai se sentir importante, vai adorar.

— Papai — perguntou Francisco —, só vamos ler? Podemos fazer alguma brincadeira antes ou depois da leitura?

— Ah, podem tentar representar a história, criar outras versões, conversar sobre os personagens. O importante é que cada um tente convencer Luísa que a sua é uma história muito boa, a melhor. Vocês vão ter que caprichar, Luísa é exigente. Se quiserem, podem discutir se não seria interessante mudar o final da história, por exemplo. Criatividade é uma coisa que vocês têm de sobra. Afinal, as histórias são fictícias, criadas pela imaginação do autor do livro. Ajam como se fossem vocês os autores, inventem.

Depois de tudo acertado, Paulo explicou a Luísa que, nas noites seguintes, os irmãos leriam histórias. E ela seria uma espécie de juiz, que no final diria qual das histórias era a melhor.

Luísa aceitou sem titubear e quis saber se ela também não podia contar uma história. Depois, sim, mas agora ela só ia ter que escolher.

— Eu vou escolher a história mais bonita, podem deixar. Se eu gostar delas, né?

— Você vai gostar, sim — garantiu o pai.

CAPÍTULO 1

O GATO DO SOFÁ

Na primeira noite de leitura, a família se reuniu na sala de estar após o jantar. Paulo se instalou com Luísa no sofá, esperando pelos demais, que estavam organizando a leitura. Francisco seria o primeiro a ler, e os outros irmãos ajudavam nos preparativos.

Francisco entrou na sala com o livro debaixo do braço e bigodes de gato pintados com lápis preto na cara, o que fez Luísa dar boas risadas. Rita e Fernando o seguiam, cada um com seus bigodes de gato. Os dois se acomodaram nas poltronas, enquanto Francisco preferiu deitar de bruços no tapete, os cotovelos no chão e as mãos segurando o queixo, com o livro bem diante dele. Ele abriu numa página marcada com uma tira de papel e começou a ler:

São três os gatos desta história.

O mais velho é um siamês que se chama Chim.

É um gato velho, muito velho mesmo.

A caçula é uma gatinha vira-lata de nome Mi,

uma gata pretinha muito esperta e brincalhona.

O do meio é um gato grande e gordo.



Guloso desde o dia em que nasceu.
Pertence à raça dos gatos sagrados da Birmânia
e atende pelo nome de Blu.
É o personagem principal.

Quando conhecem Blu, todos dizem:
“Mas que gato bonito!”.
Essa é a frase que Blu mais gosta de ouvir.
Para dizer a verdade, o gato Blu gosta de três coisas:
ser elogiado por sua beleza,
comer muito e muitas vezes por dia
e passar o tempo todo deitado no sofá,
sofá que ele pensa que é só dele.
Bom, se o sofá do Blu não existisse,
esta história também não existiria.

Blu passa dia e noite no sofá,
que, para ele, é o centro do universo.
Tudo o mais que há na casa
gira em torno do sofá do gato,
como os planetas e seus satélites
giram em torno do Sol.
Na sala, bem em frente ao sofá do gato,
uma televisão está sempre ligada.
Essa televisão foi em grande medida responsável
pelo triste desassossego que acometeu o gato,
como veremos mais adiante.

Sem sair do sofá, Blu controla tudo
o que acontece na casa,
especialmente na cozinha.
Do sofá, Blu domina também a porta da rua
e sabe quem entra e quem sai.
Para os gatos desta história
a porta da frente é de pouca serventia.
Eles vivem dentro de casa e não frequentam a rua.
Pois foi exatamente por essa porta
que um dia, inesperadamente, alguém entrou
e transformou a vida do Blu num pesadelo.

Blu é um gato sagrado da Birmânia,
frequentemente confundido
com um gato persa, um angorá, ou um mestiço de siamês.
Um sagrado da Birmânia tem a pelagem mais escura
nas extremidades do corpo, como os gatos siameses,
mas não é siamês.

Tem os pelos semilongos, sedosos e macios,
a cabeça arredondada e o rabo grosso,
como os gatos angorás, mas não é angorá
e muito menos persa.

Seu país de origem, a Birmânia,
agora se chama Mianmar,
um lugar distante, no sudeste da Ásia,
do outro lado do mundo.

Mas os gatos sagrados da Birmânia continuam sendo
gatos sagrados da Birmânia.

Do mesmo modo, o Sião, país dos gatos siameses,
também localizado na Ásia, vizinho de Mianmar,
agora é chamado de Tailândia.
Mas os gatos siameses continuam siameses.
Tanta mudança de nome confundiu gatos e humanos.
Por isso pensam que Blu é mestiço.
Mas ele não é mestiço e tem até pedigree,
o documento que atesta a origem de animais de raça.

Chim, o velhote, raramente dá as caras na sala.
Quando completou vinte anos,
o gato siamês se aposentou.
Isto é, mudou-se para os aposentos do dono da casa,
que também é o dono dos gatos,
onde passa quase todo o tempo dormindo.
Quando não dorme, Chim vê televisão
e um dia ouviu alguém contar, num programa qualquer,
que um tal de João Cabral de Melo Neto,
que a pessoa dizia ser o maior poeta do Brasil,
declarara a um jornalista impertinente
que não fazia mais poesia nem dava entrevista.
Disse que se retirara para seus aposentos, enfim,
desde que se aposentara do serviço diplomático
e da ocupação de poeta maior do país.
“Aposentar-se é recolher-se aos aposentos”,
havia explicado o poeta, que já não poetava,
nem queria mostrar-se para o mundo.
O que, evidentemente, era um exagero.

Chim achou muito apropriada a atitude do bardo
e fez como ele: aposentou-se.

Mi, ao contrário, está longe da aposentadoria.

Gosta de correr de um lado para outro.

Sobe e desce as escadas feito um furacão.

Brinca e conversa com todo mundo.

Adora fazer charme e vive repetindo:

“Miau”,

que em língua de gato,

e com certa entonação,

quer dizer

“Eu sou gatinha”,

e que, em certas situações,

apenas quer dizer

“Oh!”.

Quando faz frio,

Mi se aquieta e vai dormir juntinho do Chim.

Ele gosta do calor da gatinha vira-lata

e ronrona de satisfação.

No quintal, sob uma grande quaresmeira,

sempre há pedaços de mamão,

banana, goiaba, melancia, mexerica, abacate

e outras frutas deixadas ali para os passarinhos.

As frutas atraem sabiás,

bem-te-vis, sanhaços e tico-ticos.

Mi tem fascínio pelos passarinhos do quintal

E passa horas de tocaia com a intenção de caçá-los.
Mas nunca consegue pegar nenhum deles.
Chim costuma comentar, com certa zombaria,
que o esporte preferido da gatinha
é de fato a “observação de pássaros”.
Ela não se zanga com a brincadeira e repete:
“Eu sou gatinha”.
E assim passam os dias os três gatos.

O maior sonho de Mi, a vira-lata pretinha,
é passar umas horas deitada no sofá do Blu,
mas isso é coisa que ele não permite.
“Desça já, seu lugar é no tapete”, diz ele.
“Oh!”, ela reclama.
Blu gosta da gata vira-lata,
mas acredita que
cada um deve se manter em seu lugar.
Para Blu o sofá é lugar de gato de raça.
E Mi é uma gata vira-lata,
que não tem nem nunca vai ter um pedigree.
Seu lugar é, portanto, no chão, no tapete.

O que Mi não suporta é ser chamada de SRD,
sigla da expressão “sem raça definida”,
um eufemismo, um disfarce para “vira-lata”.
Ela se orgulha de ser uma gatinha vira-lata,
uma vira-lata pretinha,
por que não?

Na primeira vez em que Mi foi ao veterinário,
a recepcionista anotou em sua ficha SRD.
Mi achou um desaforo, arreganhou os dentes,
esticou os bigodes e bufou para a moça.
Porque ela tem raça bem definida, sim, senhor,
a raça mestiça de milhões de brasileiros,
sejam gatos, cachorros ou humanos,
que não têm e nunca terão um pedigree.

Mas Blu não se convence nem se comove
e não deixa a pretinha dormir no sofá.
Chim já argumentou muitas vezes
que Mi é uma gatinha maravilhosa,
dócil, inteligente, esperta, amiga
e dona de muitas outras qualidades.
“Mas não tem pedigree”, disse Blu, em resposta.
“Um indivíduo vale mais que uma raça”,
insistiu o velho siamês.
Blu não se deixou dobrar.
Mi continuou excluída do sofá.

Foi então que um certo dia, triste dia,
tudo mudou na vida do gato do sofá.
Alguém entrou pela porta da rua adentro,
e Blu, de repente, deixou de ser o dono do sofá.
O mundo do gato desabou.
Era tia Belinha, que veio do interior passar uns dias.
Mal chegou, tia Belinha se acomodou no sofá.

E no sofá ela ficou.

Tia Belinha era uma mulher grandalhona.

Seu corpanzil ocupava dois terços do sofá.

Nem percebeu que havia um gato lá.

Quando se deu conta da presença dele,

ela simplesmente o botou para fora.

Tia Belinha gostava muito de ver televisão,

e bem na frente do sofá

ficava o maior aparelho da casa.

Eles tinham uma assinatura de tv a cabo

com mais de dez canais que só passavam filmes.

Era só sentar e assistir a uma programação infundável.

Tia Belinha era apaixonada por cinema,

sobretudo pelos filmes mais antigos.

Era fã de Elizabeth Taylor, Burt Lancaster e Tyrone Power

e de uma infinidade de velhos astros e estrelas

que nem o idoso gato Chim conhecia.

Naquela tv passavam filmes deles todos, o tempo todo.

Que paraíso era a casa do sobrinho,

o sofá grande e confortável

e filmes estupendos em número sem fim!

O que mais havia ela de querer?

Era filme de manhã, de tarde e de noite.

Agora que ela não ia embora mesmo.

E nessa altura dos acontecimentos,

como estava se sentindo o gato Blu?

Tia Belinha logo se mostrou mulher difícil de lidar.
Por ela, os gatos deviam ficar longe
de sofás, camas e poltronas,
de preferência mantidos no quintal.
O sobrinho explicava
que os gatos eram boas companhias
e animais muito limpos, mansos e comportados.
Além do mais, a casa também era deles
e eles tinham direitos adquiridos.
“Conversa”, ela dizia,
“desde quando bichos têm direitos?”
Blu tremia nas bases.

Para desespero do gato,
uma bela manhã a tia sentenciou:
“Sobrinho, precisamos trocar este sofá por um novo”.
Será que ela não sabia que aquele sofá era dele,
só dele?
“Esses gatos sujam tudo, enchem tudo de pelo.”
Blu não podia nem chegar perto do sofá,
obrigado a dormir no tapete, no chão,
de onde vigiava, temeroso, a tia a ver TV.

Chim continuava nos seus aposentos
e descia cada vez menos.
Para Mi as coisas também não estavam fáceis.
Nas vezes em que tentou se aproximar da tia,
foi recebida com gritos e ameaças de chineladas.

“Saia daqui, saia, vira-lata pulguenta.”

“Eu sou gatinha”, reclamava Mi.

A tia tinha ideias assombrosas, como esta:

“Sobrinho, não gaste seu dinheiro com rações caras.

Os gatos podem perfeitamente comer os restos.

Melhor seria comprar uma tv de alta definição”.

E passava dia e noite vendo filmes na televisão.

Blu não comia nem dormia mais.

Estava magro e fraco, exilado de seu mundo,

expulso de seu querido sofá,

obrigado a dormir no chão.

Blu é gato do tipo falador,

sempre disposto a um miado de prosa.

Mas ultimamente andava tão quieto

que os humanos da casa começaram a perguntar:

“O que foi, Blu, perdeu a língua?”.

Ele só respondia:

“Hum!”.

“Não quer provar a ração nova que eu trouxe?”

E ele:

“Hum!”.

Mi, que agora lhe fazia companhia no tapete,

queria ir à forra e, um dia, sugeriu ao Blu:

“Vamos rasgar a roupa dela?”.

“Hum!”, respondeu Blu.

“Vamos caçar um rato e esconder no sofá?”

“Hum!”

“Vamos contar tudo para o nosso dono?”

“Hum!”

O gato sagrado da Birmânia estava mesmo deprimido.

Mi, porém, estava cheia de ideias.

Decidida a livrar Blu da usurpadora,

Mi pôs seus planos em andamento.

Aproveitando-se de um breve sono da tia,

Mi fez xixi nas chinelas dela.

Depois correu ao quintal e se escondeu.

De lá escutou gritos arrepiantes:

“Que nojo, que porcaria, que horror!”.

“Essa vira-lata vai aprender o que é bom.”

Como a tia descobrira que o xixi era dela

nem de longe Mi podia imaginar.

Curiosa, foi até a sala para investigar.

Não encontrou as chinelas nem a tia.

Descobriu-a na lavanderia, lavando as chinelas,

que eram feitas de lona, com solado de sisal.

Foi com as chinelas molhadas da tia

que Mi levou a maior surra de sua vida.

Apanhar de chinelas molhadas dói muito mais,

foi a lição que a gata tirou desse episódio.

Ficou três dias sem poder andar direito.

Seu dono nada percebeu.

Só perguntou por que ela estava tão quieta.

“Miau”, foi a resposta da gatinha.



Tia Belinha só não maltratava os gatos
quando o sobrinho estava por perto.
Ela ocupava dois terços do sofá de três lugares
e a cada dia engordava um pouco mais.
O sofá já estava se tornando pequeno demais
para seu corpanzil.
Ela praticamente morava no sofá.
Ali passava o dia e a noite, lá comia e dormia.
Se a tia ia ao banheiro, Blu corria subir no sofá.
“Saia, saia, gato”, ela voltava à sala gritando.
A tia não ajudava em nada no serviço da casa,
mas o sobrinho gostava muito dela.
Sobrinhos sempre gostam das tias,
ou fingem que gostam.
E ela ia ficando, ficando.
Talvez ficasse para sempre.
Para sempre no sofá do gato.

Recuperada da surra, Mi se pôs de novo em guarda.
Tia Belinha via filmes na televisão e comia chocolate.
Era tudo o que ela fazia na vida, isto é, no sofá.
Bem ao alcance da mão, ela mantinha uma caixa,
uma caixa grande, repleta de bombons.
Comprava os bombons aos quilos,
gastando com eles toda sua pensão mensal.
Quando um novo abastecimento foi entregue,
Mi achou que o momento havia chegado.
Na hora da sesta de tia Belinha,

que durava o tempo do intervalo entre filmes,
a gatinha comeu toda a caixa de bombons.
Não deixou nenhum, nenhumzinho.
Sua barriga ficou dura de tanto chocolate,
virou uma bola imensa, ela mal podia caminhar.
Tratou de esconder-se no quintal
para onde se arrastou com dificuldade.
Então começou a dor de barriga.
Três dias foi o tempo que durou o destempero.
Seus intestinos pareciam estar em guerra,
revoltosos e revoltados.
E, ai, como a barriga lhe dóia.
Três dias depois, ao voltar para dentro de casa,
ela estava magra e abatida.
Seu dono perguntou, preocupado:
“Onde você estava, Mi?
Comeu alguma coisa estragada?”.
“Miau”, ela respondeu com um miado fraco.
Tia Belinha nada disse,
mas não disfarçou um sorriso de satisfação.

Mi passava cada vez mais tempo no quintal.
Chim raramente descia dos seus aposentos.
Blu, coitado, estava a ponto de deixar
de ser o gato do sofá
para se transformar no gato do tapete.
Quando a tia parecia estar dormindo,
Mi e Chim faziam uma visitinha rápida

e amedrontada ao Blu na sala.
Mal a tia abria um olho, eles fugiam.

Recuperada da dor de barriga, Mi não desistiu.
Se a televisão mantinha a tia no sofá,
o jeito era acabar com a televisão.
Tia Belinha não ia ficar no sofá do Blu
sem os mil filmes para assistir.
Mi passou dias estudando o aparelho de tv.
Imaginou que o que passava na tela
descia por um cabo que saía da parede.
Chim, que sabia de tudo, confirmou.
Então era só roer o cabo, ela concluiu,
e adeus, filmes, adeus, tia Belinha.
Mas havia dois fios grossos, qual deles atacar?
Para começar, Mi escolheu um deles ao acaso.
Depois roeria o outro, se necessário.
Escondida atrás do aparelho receptor,
Mi pôs-se a morder com paciência o cabo.
O curto-circuito não demorou muito.
Com um pavoroso estalo e muitas faíscas,
a descarga elétrica na boca da gatinha
a atirou longe e não a matou por pouco.
A gatinha escolhera o fio errado,
estava mastigando o cabo de eletricidade.
Desacordada, Mi foi levada às pressas
ao consultório da doutora Mieko, a veterinária,
que lhe deu soro e conselhos:

“Nada de brincar com a rede elétrica”.

“Miau”, respondeu quase sem forças.

De volta a casa, foi recebida com alegria
por seus amigos felinos.

A tia deu-lhe um sorriso que dizia “bem-feito”.

Chim disse a Mi que apoiava suas iniciativas,
mas que ela estava se comportando errado,
tentando agir como fazem os humanos.

“Comporte-se como gatos que somos.

Deixe seus instintos felinos falarem mais alto.”

A vida na casa seguiu seu curso:

a tia no sofá, os gatos no tapete.

Mas um dia tia Belinha resolveu endurecer.

“Não quero mais saber de gataria na sala,
principalmente essa gata SRD”,

disse, e apontou com o dedo a gatinha vira-lata.

Para Mi, foi demais.

Ser chamada de “esse-erre-dê”

por uma criatura antipática e sem coração,
tão egoísta e fingida?

“Ah! não, assim também não”, ela pensou.

“Caia fora, saia, vá saindo”, repetiu tia Belinha.

Mi não saiu, o momento decisivo havia chegado.

“Agir como uma gata”,

lembrou-se Mi das palavras do Chim.

Batia ritmadamente o rabo de um lado para outro.

E então se lançou, frenética, ao ataque.
Num salto elegante e preciso,
que só os gatos sabem dar,
o pelo todo arrepiado e os bigodes eriçados,
Mi avançou sobre a mulher escarrapachada no sofá
e lhe aplicou uma belíssima mordida no joelho gordo.
Sem se levantar, a tia pegou a alpargata.
Mi foi mais rápida.
“Miau!”, ela gritou
e, noutro salto,
arranhou a mão que segurava o chinelo.
A tia se pôs a berrar alto, parecia louca.
Orgulhosa de seu feito, Mi dizia:
“Eu sou gatinha”.
Isso aconteceu de manhã.
A tia passou horas gritando que ia morrer de raiva,
doença também chamada de hidrofobia,
transmitida por mordida de gatos,
de cães e de outros animais.
E de gente também!
Onde já se viu ser tratada assim, repetia ela,
ter que conviver com aquelas feras perigosas.
Que sofrimento, que desgosto, que dor horrível!
Ela que estava ali se sacrificando
só para fazer companhia ao pobre do sobrinho,
que injustiça, que falta de reconhecimento.
O sobrinho consolava a tia:
“Vamos fazer um curativo.

Foi só um arranhãozinho, já sarou, já sarou”.
Mas a tia estava decidida.
Pôs o sobrinho contra a parede:
“Ou eu ou os gatos”.
O sobrinho desconversou:
“Vai ficar tudo bem, titia”.
“Ou eu ou os gatos”, insistia a tia, “escolha”.
O sobrinho tentava apaziguar a velha:
“Ah!, titia, podemos ser uma família feliz”.
Por fim, tia Belinha se deu por vencida.
À tarde fez as malas e partiu,
foi-se embora, fim do jogo.

Blu recuperou seu sofá.
Seu mundinho de novo era dele.
E a casa voltou a ser o que era antes da tia.
Ao se recolher de novo a seus aposentos,
Chim deu seu recado a Blu:
“Se não fosse a gatinha vira-lata,
você ainda estaria dormindo no tapete”.
Mi, orgulhosa, fazia charme e repetia:
“Eu sou gatinha”.
Blu esqueceu toda aquela história do pedigree
e convidou Mi a dividir o sofá com ele.

Não passou muito tempo e o sofá do Blu
se encheu de gatinhos SRD.
Peludinhos e gulosos como o pai.

